

SOUZA, Gilton Sampaio de; COSTA, Rosa Leite da; SÁ, Diana Maria Cavalcante de; ALVES, Maria Leidiana. As técnicas argumentativas em diferentes esferas da comunicação: proposta de análise em textos jornalísticos, lítero-musicais, jurídicos e acadêmicos. *ReVEL*, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. [www.revel.inf.br].

AS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS EM DIFERENTES ESFERAS DA COMUNICAÇÃO: PROPOSTA DE ANÁLISE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS, LÍTERO-MUSICAIS, JURÍDICOS E ACADÊMICOS

Gilton Sampaio de Souza¹

Rosa Leite da Costa²

Diana Maria Cavalcante de Sá³

Maria Leidiana Alves⁴

giltonssouza@gmail.com

rs_leitejc@hotmail.com

dianacavalcante_@hotmail.com

leidiana_alves2007@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo apresenta uma proposta teórico-metodológica de estudo da argumentação no discurso, mais especificamente do uso das técnicas argumentativas em discursos de diferentes gêneros e esferas da comunicação humana. O *corpus* é constituído por amostragem de textos de quatro gêneros do discurso, sendo: da esfera jornalística, o artigo de opinião; da esfera lítero-musical, a canção; da esfera jurídica, o processo criminal; e da esfera acadêmica, o relatório de estágio. O referencial teórico advém da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002) e de outros estudiosos da área (Ide, 2000, Reboul, 1998, Souza, 2003). Além desses, advém ainda dos estudos bakhtinianos sobre gêneros do discurso (Bakhtin, 1995, 2003). Os resultados apontam que, nos discursos analisados, a escolha da técnica argumentativa apresenta-se vinculada ao gênero e também ao auditório e à tese defendida, sendo a técnica argumentativa por dissociação de noções mais recorrente no texto representativo do artigo de opinião, e a técnica argumentativa baseada na estrutura do real, nos outros três textos representativos dos gêneros canção, ação penal e relatório de estágio supervisionado. Compreendemos, assim, que o estudo das técnicas argumentativas se aplica a todo e qualquer gênero do discurso, independente da esfera de comunicação, e que a proposta de análise desenvolvida pode contribuir para a verticalização e para articulação teórico-prática dos estudos com base na Nova Retórica, em diferentes processos argumentativos.

Palavras-chave: Nova Retórica; técnicas argumentativas; gêneros do discurso.

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

² Mestre e doutoranda em Letras. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

³ Mestre em Letras. Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP).

⁴ Mestre e doutoranda em Letras. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

INTRODUÇÃO

Tomamos como pressuposto que os estudos argumentativos articulam um campo interdisciplinar e vasto, sendo a argumentação um ato inerente ao ser humano e às diversas atividades comunicativas que se efetivam em textos vinculados a gêneros do discurso de diferentes esferas da comunicação humana. Como objetivo para esse artigo, pretendemos compreender como se dão os usos das técnicas argumentativas em discursos de variadas esferas da comunicação e, mesmo que indiretamente, apresentar uma proposta teórico-metodológica de análise das técnicas argumentativas em textos de diferentes gêneros e esferas.

Para isso, fazemos a análise de textos pertencentes a gêneros do discurso jornalístico, lítero-musical, jurídico e acadêmico, cujo trabalho dá continuidade a pesquisas que temos realizado sobre a argumentação no discurso (Souza: 2001; Souza: 2003; Souza e Costa: 2009; Souza e Bessa, 2011; Souza, Costa e Filgueira: 2012; entre outros). Esses estudos têm sido desenvolvidos, há mais de uma década, por pesquisadores da UERN (*Campus* de Pau dos Ferros) do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), especialmente pelos que compõem a Linha de Pesquisa em “Estudos de processos argumentativos”.

As investigações desenvolvidas pelos pesquisadores que compõem esse Grupo de Pesquisa buscam contribuir para o avanço dos estudos da argumentação, em especial da argumentação no discurso, e trazem, em sua maioria, vinculação teórica à Nova Retórica. Para isso, focalizam elementos de processos argumentativos, articulados às questões do *ethos*, *dologos* e do *pathos*, em diferentes gêneros do discurso, com ênfase em aspectos vinculados às teses, às técnicas argumentativas, à hierarquização de valores e às interações entre oradores e auditórios, considerando que a linguagem é constitutivamente dialógica e que o dialogismo é elemento central no processo de argumentação. Os pesquisadores desse Grupo de Pesquisa buscam contribuir, ainda, com a verticalização teórico-metodológica dos processos de análise, produção e ensino de argumentação em textos e gêneros diversos.

A orientação teórica para esse artigo advém da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002) e de estudos da área que contribuem para as questões postas neste trabalho (Ide, 2000, Reboul, 1998, Souza, 2003). Dada a diversidade, a interdisciplinaridade e a abrangência dos estudos em

argumentação e do escopo deste trabalho, utilizamo-nos ainda da teoria dos gêneros do discurso, na perspectiva bakhtiniana (Bakhtin, 2003).

Este artigo se apresenta também como uma proposta teórico-metodológica de análise e estudo (podendo ser útil até ao ensino) da argumentação em discursos de diferentes gêneros e esferas da comunicação humana. Para tal, constituímos o *corpus* por amostragem de textos de quatro gêneros do discurso, cada um pertencente à esfera distinta da comunicação, tendo sido todos esses gêneros objetos de estudos desenvolvidos por nós em pesquisas anteriores a essa, a saber: da esfera jornalística, o artigo de opinião (Souza, 2003); da esfera lítero-musical, a canção (Costa, 2005); da esfera jurídica, a ação penal (Sá, 2012); e, da esfera acadêmica, o relatório de estágio supervisionado (Alves, 2011). A opção de analisarmos os usos das técnicas argumentativas em *corpus* vinculado a esses quatro gêneros do discurso já estudados pelos autores desse texto se justifica também pela necessidade de ampliação dos estudos sobre esses gêneros, junto ao Grupo de Pesquisa, e também porque, para uma proposta de análise de técnicas argumentativas que extrapola os limites de um gênero, acreditamos ser recomendável um conhecimento mais acurado de cada gênero em análise.

A organização interna deste artigo traz reflexões conceituais sobre as principais categorias teóricas focalizadas e apresenta os procedimentos de análise desenvolvidos e aplicados a cada texto, conforme descritos: (i) identificação do gênero, do auditório e da tese; (ii) análise da técnica argumentativa central e das técnicas argumentativas de apoio; e (iii) interação/correlação entre as técnicas e outros elementos do processo argumentativo e do gênero do discurso. Na parte da análise, desenvolve a interpretação dos discursos, articulando-os às teorias de base e a uma proposta teórico-metodológica de análise das técnicas argumentativas em textos de diferentes gêneros e esferas. Por último, nas considerações finais, retoma os objetivos, os resultados e, de modo geral, todas as partes do trabalho.

1. ORIENTAÇÕES TEÓRICAS

A Nova Retórica, como pensaram Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2002⁵), parte do princípio de que a argumentação é constitutiva da linguagem

⁵ A primeira edição do “Tratado da Argumentação: a Nova Retórica”, na Bélgica, foi publicada em francês, no ano de 1958, conforme informação da ficha técnica da atual edição. (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002).

humana e de que seu estudo se aplica a todo discurso, oral ou escrito, independente do gênero e da esfera a que se vincula. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) consideram que argumentar é um processo que intenta convencer e persuadir as pessoas. Convencer pela necessidade que tem aquele que fala ou escreve, o orador, de fazer seus interlocutores concordarem com as teses apresentadas; persuadir pela necessidade e/ou vontade de levar o auditório a agir, a praticar os atos que o orador deseja. Desse modo, a argumentação articula-se, portanto, às questões do verossímil, do plausível, do provável, elementos inerentes ao processo argumentativo.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002: 69),

Quem exige, de uma argumentação, que ela forneça provas coercivas, provas demonstrativas, e não se contenta com menos para aderir a uma tese, desconhece tanto quanto o fanático o caráter próprio do processo argumentativo. Este, por tender justamente a justificar escolhas, não pode fornecer justificações que tenderiam a mostrar que não há escolhas, mas que uma única solução se oferece aos que examinam o problema.

Assim, o processo argumentativo implica o esforço de o orador estabelecer uma interação, ao justificar escolhas, valendo-se de acordos prévios com o auditório, do conhecimento que tem sobre o tema em foco, das teses defendidas, das técnicas argumentativas utilizadas e da hierarquização dos valores que ele acredita serem compartilhados pelos interlocutores.

Por tudo isso, como diz Souza (2008), o ato de argumentar vai ser sempre uma ação retórica que envolve tanto uma tese, isto é, a ideia que pretendemos defender, a parte racional do discurso; quanto um orador, que se envolve na causa e, ao mesmo tempo, defende sua imagem; como também um auditório, a quem o orador pretende convencer ou comover acerca da tese apresentada.

1.1 TESE, ORADOR E AUDITÓRIO

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002: 50), o objetivo de toda argumentação deve ser o de “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”. Por tese, entendemos a ideia central do texto, que, geralmente, é apresentada por uma proposição, uma frase, que formula “o que diz o texto (e, de maneira mais geral, o que diz a inteligência em face da realidade), tendo em vista enunciar o verdadeiro ou o falso”, conforme nos diz Ide (2000: 51).

Além disso, a “formulação de uma tese permite uma melhor avaliação crítica do pensamento do autor. Ela permite especialmente assinalar as eventuais

contradições do autor” (Ide, 2000: 51). Por isso, buscar a identificação da tese, reconhecê-la no discurso, confrontando-a com as técnicas argumentativas utilizadas pelo orador, permite-nos encontrar não só a ideia central, mas também os valores, suas hierarquias e outros elementos do processo argumentativo.

Se a tese é a parte racional do discurso, o orador é aquele que a formula e a defende, mesmo que, em algumas vezes, sem total consciência da ação. Essa ação do orador se efetiva sempre em função de um auditório presumível, que pode ser constituído por uma só pessoa, por milhares delas ou até mesmo pelo próprio orador. Assim, “quando utilizarmos os termos ‘discurso’, ‘orador’ e ‘auditório’, entenderemos com isso a argumentação, aquele que a apresenta e aqueles a quem ela se dirige, sem nos determos no fato de que se trata de uma apresentação pela palavra ou pela escrita” (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002: 07). Há, portanto, em cada texto produzido, independente da esfera da comunicação, um orador que argumenta ao enunciar, que se dirige a um auditório com o qual interage, e que defende uma tese sobre determinado tema.

Ao falar sobre auditório, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) compreendem que quanto mais próximo do orador ou presumido por ele, tanto mais o auditório se configura como particular, embora até mesmo o auditório particular possa ser heterogêneo. O auditório universal se estende ao alcance do próprio discurso, fora do controle do orador, pois existe para além de seu desejo. A noção de auditório, particular e/ou universal, é fundamental para a compreensão do processo argumentativo e dá a este a constituição do caráter dialógico da argumentação.

Souza (2003) articula e aproxima a noção de auditório particular e universal, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), à noção de auditório social e médio, proposta por Bakhtin/Voloshinov (1995):

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo tem um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o *auditório* em questão se aproximará do *auditório médio* da criação ideológica, mas, em todo caso, o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas. (Bakhtin/Voloshinov, 1995: 112 – 113)

Assim, depreendemos que tanto nos pressupostos da Nova Retórica quanto nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, a noção de auditório, particular/universal ou social/médio, são imprescindíveis à compreensão do caráter dialógico da linguagem e de sua constituição argumentativa. Assumindo, pois, o pressuposto de que a

argumentação é constitutiva da linguagem humana, passamos, então, ao entendimento do que sejam as técnicas argumentativas, parte central da análise nesse artigo.

1.2 AS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS

No processo argumentativo, ao se propor conquistar a adesão do auditório, o orador estará sempre defendendo uma tese, tomando posições e tentando convencer o auditório. Sendo assim, ainda que sem plena consciência de suas proposições, ele se utiliza de argumentos para conseguir que seu auditório aceite a tese proposta.

Como parte central do processo argumentativo, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) apresentam quatro técnicas discursivas, cujo propósito é construir a argumentação nos discursos. Essas técnicas argumentam por associação ou por dissociação de noções. Cada uma das técnicas comporta uma série de argumentos. A argumentação por associação de noções se organiza em três técnicas: argumentos quase lógicos, argumentos baseados na estrutura do real, argumentos que fundamentam a estrutura do real. A quarta técnica proposta pelos teóricos da Nova Retórica é a argumentação por dissociação de noções. Vejamos a seguir, em síntese, como elas se apresentam e o que se propõem.

A técnica dos **argumentos quase lógicos** liga ideias e busca eficácia persuasiva na lógica formal. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002: 297), “os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas”; e são quase lógicos, porque a linguagem humana não é uma álgebra, como diz Reboul (1998), pois as línguas são passíveis de ambiguidades e de diferentes interpretações.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) classificam como argumentos quase lógicos: a *regra de justiça*, que propõe tratamento igual a seres ou situações de um mesmo grupo/categoria; a *definição*, cuja escolha conceitual é fundamentada em discussão, no caso de haver consequência para o raciocínio; o *sacrifício*, que é um sistema de trocas, em que se sacrifica algo por determinado resultado; a *comparação*, em que há um confronto de realidades diferentes, para que elas sejam avaliadas umas em relação a outras; a *reciprocidade*, em que há uma relação de simetria entre duas situações; a *transitividade*, em que, da relação entre um primeiro e um segundo

elemento, e da relação entre o segundo e um terceiro elementos, resulta a relação entre o primeiro e o terceiro elementos (se $A = B$, e $B = C$, então $A = C$); e a *inclusão/divisão*, que é a relação do todo com suas partes, sendo estas tratadas sob dois aspectos: a inclusão das partes no todo e a divisão do todo em suas partes.

A técnica dos **argumentos baseados na estrutura do real** também associa noções com base nas opiniões que se formam acerca da realidade e que estão ligadas entre si. Os argumentos que se utilizam dessa técnica buscam uma argumentação que possibilite passar de um desses elementos da “realidade” para outro, sob a forma de sucessão ou coexistência.

A *relação de sucessão* ocorre, quando os argumentos:

a) [...] tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal; b) [...] dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo; c) [...] dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar. (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002: 299).

Conforme descrito por Perelman e Olbrechts-Tyteca, na argumentação em que estão presentes as relações de sucessão, emerge a força argumentativa de ligações por meio de vínculo causal, acontecimentos e efeitos. A orientação argumentativa por sucessão se efetiva exatamente na articulação e na vinculação de dependência e de consequência ou causa entre os elementos constitutivos do discurso.

A *relação de coexistência*, por sua vez, é uma forma de ligação entre realidades de níveis desiguais, sendo uma mais fundamental, mais explicativa do que a outra. Os tipos de argumentos baseados na estrutura do real inerentes a essa relação adquirem força, sobretudo, pela vinculação entre oradores e teses defendidas. Destacam-se entre eles: argumentos *de autoridade*, que buscam fazer uso de palavras/opiniões de pessoa reconhecida para reforçar a tese defendida; argumentos *a fortiori*, que dizem respeito a uma escala de valores observada a partir da hierarquia qualitativa e quantitativa de uma relação entre pessoas e seus atos; argumentos de *desperdício*, que se referem à necessidade de não desperdiçar a situação, de ir até o final da ação pretendida; argumentos *pragmáticos*, que tratam da apreciação de um ato ou um acontecimento, tendo em vista as consequências positivas e negativas.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) falam ainda das *relações simbólicas*, argumentos ligados, por exemplo, à Pátria, à Religião, à pessoa do Rei, geralmente

ligados a símbolos, como a Bandeira, a Cruz, a Espada ou a palavras que simbolizem a relação com as instituições ou hierarquias sociais.

A técnica dos **argumentos que fundamentam a estrutura do real** é aquela pela qual o orador se utiliza do fundamento pelo caso particular e do raciocínio por analogia, para estabelecer, por meio da generalização, aquilo que ele acredita ser a realidade construída. São vinculados aos casos particulares: os argumentos pelo *exemplo*, que, baseados em um acordo preliminar entre o orador e o auditório, são usados como possibilidade de gerar regras ou explicar fenômenos similares e também particulares; pela *ilustração*, que “tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita” (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002: 407), que complementa e fundamenta pela recorrência a casos similares; pelo *modelo e antimodelo*, no qual, quando um comportamento tido como modelo a ser seguido estimula uma ação, promove-se certa conduta; e pelo *antimodelo*, em que o comportamento permite o afastamento de determinada conduta. O argumento do raciocínio por *analogia* busca estabelecer uma semelhança entre relações que unem duas entidades. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), a analogia torna o papel da metáfora mais claro.

A técnica argumentativa por **dissociação de noções**, diferentemente das três primeiras, “determina um remanejamento mais ou menos profundo dos dados conceituais que servem de fundamento para a argumentação. Já não se trata, nesse caso, de cortar os fios que amarram elementos isolados, mas de modificar a própria estrutura deles” (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002: 468). Esta técnica consiste em afirmar que existe uma associação indevida de elementos que deveriam ficar separados e independentes. As noções são abordadas em partes hierarquizadas como *aparência/realidade, meio/fim* etc. A função desta técnica é fazer com que os fatos possam mudar de parecer ou finalidade.

Concluídas essas reflexões teóricas sobre como as técnicas argumentativas se efetivam e por compreendermos a linguagem como interação social, passamos agora às reflexões sobre os gêneros do discurso e as esferas de comunicação humana. Defendemos que os discursos estão ligados tanto às esferas da comunicação humana quanto aos gêneros e às suas condições de produção. As esferas da comunicação humana são, portanto, múltiplas e agregam os gêneros do discurso, que se definem pelo seu propósito comunicativo, conteúdo temático, estilo, composição e se dirigem a auditórios presumidos.

2. AS ESFERAS DA COMUNICAÇÃO HUMANA E OS GÊNEROS DO DISCURSO

As reflexões sobre gêneros do discurso se tornam pertinentes aos estudos da argumentação, sobretudo porque a “vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo *na escolha de um certo gênero do discurso* [grifo do autor]”. (Bakhtin, 2003: 282). Por isso, podemos falar de discursos jornalísticos, lítero-musicais, jurídicos, acadêmicos, entre outros, vinculando-os aos gêneros e às esferas/campo da comunicação. Partindo de postulados de Bakhtin (2003), entendemos que, para cada campo da atividade humana, existe um repertório de gêneros do discurso, que se pode alterar e diferenciar-se à medida que se desenvolve e se complexifica esse campo. Compreendemos, portanto, que a esfera de comunicação comporta vários gêneros e um mesmo gênero pode sofrer mudanças, de acordo com a evolução da sociedade e, em especial, das tecnologias da comunicação.

Desse modo, os gêneros se orientam para as práticas orais e escritas de linguagem e vão desde os gêneros primários, mais próximos da informalidade e das situações cotidianas, aos secundários, que podem ser altamente complexos e geralmente com maior formalidade, de maneira que, quanto mais dominamos uma situação de comunicação específica, mais dominamos determinado gênero a ela vinculado (ver Bakhtin, 2003). Podemos dizer, ainda, que, nas práticas discursivas, aquele que fala, que escreve, ao dialogar com o seu possível auditório e com os discursos que circulam socialmente, também está dialogando com os gêneros que são característicos de certas esferas/campo da comunicação, em suas formas, conteúdos temáticos e estilos.

Assim, na esfera do discurso jornalístico, por exemplo, a reportagem jornalística, o artigo de opinião e os editoriais, entre outros, apresentam, cada um deles, suas próprias formas estáveis de enunciados, sendo, portanto, gêneros discursivos específicos. Na esfera lítero-musical, a canção é um gênero que, embora apresente algumas semelhanças com outros gêneros, como o poema, por exemplo, dele se diferencia “por suas condições de produção, circulação e público a que se destina”. (Costa, 2005: 53). A esfera jurídica tem seus gêneros mais fixos, por seu valor documental, tais como as petições, as peças de inquérito, os acórdãos, entre outros, todos com suas especificidades. Já a esfera acadêmica comporta gêneros como seminários, palestras, dissertações e teses, que envolvem, independentemente da modalidade da língua, processos mais complexos de elaboração e auditórios mais

específicos.

Todos os gêneros, independente de sua esfera de comunicação, são passíveis de estudos científicos e dialogam com os discursos que circulam socialmente, tendo interlocutores, auditórios e propósitos comunicativos definidos, pelos quais perpassam os elementos do processo argumentativo, em que teses são postas e defendidas com maior ou menor consciência do orador, que se utiliza, dentre outros elementos, das técnicas argumentativas para conseguir a adesão.

3. AS TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS EM DIFERENTES GÊNEROS DO DISCURSO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE EM ARTIGO DE OPINIÃO, CANÇÃO, AÇÃO PENAL E RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Analizamos, neste artigo, as técnicas argumentativas em textos que se apresentam como exemplares (não necessariamente representantes) de diferentes gêneros discursivos, como elemento fundamental no processo argumentativo. A análise articula ainda as técnicas argumentativas centrais às técnicas argumentativas de apoio, observando como estas últimas funcionam em apoio às teses e às técnicas argumentativas centrais, estabelecendo uma relação com a esfera da comunicação, o gênero do discurso e o público a que se destina. Fazemos, assim, uma análise da argumentatividade na linguagem e, ao mesmo tempo, uma proposta teórico-metodológica de análise das técnicas argumentativas em diferentes gêneros, como contribuição aos estudos, às pesquisas e, podendo contribuir também, mesmo que indiretamente, até no ensino da argumentação, especialmente nas atividades de compreensão e interpretação de processos argumentativos em textos de diferentes gêneros e esferas.

3.1 TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS EM DISCURSO JORNALÍSTICO: ARTIGO DE OPINIÃO

Neste tópico, apresentamos como as técnicas argumentativas podem ser vistas em textos da esfera jornalística. O *corpus* é constituído pelo artigo de opinião “Globalização, qual?”, publicado pelo Jornal Folha de São Paulo, em 06 de junho de 1998. O artigo defende a tese de que o importante não é ser a favor ou contra a globalização, mas saber que noção temos a seu respeito, e tem como auditório os

leitores do jornal a Folha de São Paulo, caracterizado, aqui, como auditório universal, pela extensão nacional e internacional do público alvo/leitores desse jornal.

No processo argumentativo do artigo de opinião (Globalização, qual?), o orador adota como técnica argumentativa principal a dissociação de noções, conforme podemos ver:

Globalização, qual?

Palavra mágica e misteriosa. Vai penetrando cada vez mais no cotidiano de nossa vida. Mas são várias as significações que assume. *Fala-se de globalização da economia. Está ligada às leis do mercado. [...] Outro tipo de globalização é cultural e resulta da avassaladora criação de conhecimentos, ocasionado pela polêmica dos meios de comunicação social [...] É possível, no entanto, intensificar o dinamismo da solidariedade e fomentar, assim, uma globalização verdadeira e altamente frutuosa [...]* Essa globalização de solidariedade está na raiz da “civilização do amor”, sinal do reino de Deus nesta terra. (Souza, 2003: 214).

O orador, ao questionar a própria noção de globalização, traz novos argumentos advindos de outra esfera da comunicação humana, a do discurso religioso, que também busca coparticipar, dialogar com os discursos sobre a miséria no Nordeste. Vemos uma argumentação que busca remanejar o conceito, a noção que temos sobre “globalização” e, para isso, o orador faz uso, especialmente, da dissociação entre uma globalização econômica, cultural (própria do homem e das leis do mundo) e uma globalização solidária (sinal do reino de Deus), definindo-a como mais justa e fraterna.

Ao questionar a noção mais recorrente de globalização e atribuir-lhe um novo conceito, o orador redimensionou as noções originais para construir uma nova noção de globalização, cujos valores se encontram distantes da globalização econômica. É, portanto, a dissociação de noções que orienta todo o artigo, defendendo a tese proposta.

O artigo “Globalização, qual?”, além da técnica argumentativa central para a defesa da tese, traz outras técnicas de apoio à argumentação. A primeira a ser observada é a argumentação baseada na estrutura do real, pelas relações de causa e efeito, conforme podemos ver.

Palavra mágica e misteriosa. Vai penetrando cada vez mais no cotidiano de nossa vida. Mas são várias as significações que assume.

Fala-se de globalização da economia. Está ligada às leis do mercado. [...]

O juízo ético sobre essa globalização é severo [...], torna a sociedade egoísta e injusta.

Outro tipo de *globalização é cultural e resulta da avassaladora criação de conhecimentos, ocasionado pela polêmica dos meios de comunicação social [...]*.

É possível, no entanto, intensificar o dinamismo da solidariedade e fomentar, assim, uma *globalização verdadeira e altamente frutuosa [...]*

Milhões de brasileiros, vítimas da seca, estão recebendo nestes meses o fruto do dinamismo dessa solidariedade. É a ocasião de diminuir as distâncias, estreitar os laços de fraternidade, alimentar as populações famintas do Nordeste e atrair as bênçãos de Deus sobre a nossa pátria.

Essa globalização de solidariedade está na raiz da “civilização do amor”, sinal do reino de Deus nesta terra. (Souza, 2003: 214).

Os trechos em destaque são argumentos relativos a cada uma das “globalizações”, de forma que essas globalizações são causadoras de certos efeitos nocivos, nos casos da globalização comercial e cultural, e de efeitos benéficos, nos casos da globalização solidária. Além disso, ao falar dos valores da globalização solidária, o orador também recorre à técnica argumentativa que fundamenta o real, pelo caso particular, pois Deus é colocado como exemplo, como modelo a ser imitado. Há ainda uma recorrência às ligações simbólicas, que são argumentos baseados na estrutura do real. O fechamento do discurso enfatiza bem as ligações religião/pátria. Vejamos:

É ocasião de diminuir as distâncias, *estreitar os laços da fraternidade*, alimentar as populações famintas do Nordeste e atrair as bênçãos de Deus sobre a nossa pátria. [...] Essa globalização da solidariedade está na raiz da “civilização do amor”, *sinal do reino de Deus nesta terra*. (Souza, 2003: 376)

O orador recorre a argumentos ligados à religião, às ligações simbólicas, que se dão pelos símbolos que remetem à religiosidade/Deus ou à pátria/Nordeste. No artigo de opinião em questão, as ligações simbólicas ligadas à religiosidade aparecem relacionadas ao amor fraterno e à solidariedade, promovendo uma relação indissociável entre religião e pátria.

Vemos que, no processo argumentativo desse discurso, a técnica argumentativa central dissocia as noções de globalização econômica, cultural (próprias do homem) da noção de globalização solidária (sinal do reino de Deus). Uma das técnicas argumentativas de apoio utilizada foi a dos argumentos baseados na estrutura do real, estabelecendo uma relação de causa e efeito para cada uma das noções de globalização. As ligações simbólicas também são evidentes, e o próprio Deus, símbolo maior do amor e fraternidade, aparece como um argumento pelo caso particular, pelo modelo.

3.2. TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS EM DISCURSO LÍTERO-MUSICAL: UMA CANÇÃO DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA⁶

Analisaremos aqui o uso das técnicas argumentativas em texto do gênero do discurso lítero-musical, a canção “Dr. Getúlio”, composta e gravada, em 1985, por Chico Buarque de Hollanda, para homenagear Getúlio Vargas, que foi Presidente da República do Brasil em dois distintos períodos: de 1930 a 1945 e de 1950 a 1954. Trata-se de um discurso do elogio, proferido após a ditadura militar.

Na canção, o orador defende a tese de que Getúlio Vargas foi um dos maiores e mais populares presidentes do Brasil e tem, como auditório, cidadãos politizados, intelectuais “de esquerda” e admiradores do cantor/compositor. O orador adota como técnica principal os argumentos baseados na estrutura do real, as ligações de coexistência, especificamente o argumento que focaliza a interação ato-pessoa, que consiste em apreciar o valor de uma pessoa pelos atos que ela pratica. A pretensão é de reavivar ou (re)construir a imagem política desse homem junto ao povo brasileiro, que constitui, em parte, o auditório do discurso. Os versos das duas estrofes abaixo apontam para uma ordem em que, primeiro, aparece a pessoa de Getúlio e, depois, os seus atos.

Foi o *chefe mais amado* da nação
Desde o sucesso da revolução
Liderando os liberais
Foi o *pai dos mais humildes* brasileiros
Lutando contra grupos financeiros
E altos interesses internacionais
Deu início a um tempo de transformações

Foi o *chefe mais amado* da nação
A nós ele *entregou seu coração*
Sim, *puniu* os traidores com o perdão
E *encheu de brios* todo o nosso povo
E *partindo nos deixou* uma lição
A Pátria, afinal, ficar livre
Ou morrer pelo Brasil. (Costa, 2005: 93)

Vemos que, nos versos em destaque, Getúlio Vargas é visto pelo orador como “chefe da nação” e “pai dos mais humildes brasileiros”; assim o orador constrói a pessoa, um dos componentes do par ato-pessoa, recorrendo à técnica argumentativa

⁶ Músico, compositor e escritor brasileiro.

baseada na estrutura do real, argumento que se constitui com base em questões subjetivas, em pontos de vistas, julgamentos e apreciações. Os atos de Getúlio são visíveis na canção, por meio da sua atuação na política e nos setores econômico e social em prol do povo. O orador descreve Getúlio Vargas, o “Dr. Getúlio”, como um presidente que estava “Lutando contra grupos financeiros”, que “entregou seu coração”, e que “puniu os traidores com o perdão”.

A canção “Dr. Getúlio”, além dos argumentos por interação ato-pessoa, como parte da técnica argumentativa central baseada na estrutura do real, também traz outros argumentos dessa mesma técnica, em apoio à argumentação. Já na primeira estrofe, bem como no refrão, é possível vermos uma ligação de sucessão, de causa e efeito, que, a exemplo da relação ato-pessoa, também é um argumento baseado na estrutura do real.

O orador apresenta “Dr. Getúlio” como o pai dos pobres, aquele que lutou pelo país, um homem bom, mas injustiçado, em algum momento, pois foi “compelido a se afastar”. As boas ações promovem efeitos futuros: a volta ao poder e o nome na história do país, segundo o orador. Vejamos:

E depois de *compelido a se afastar*
Voltou pelos braços do povo
Em campanha triunfal.
[..]
Abram alas *que Gegê vai passar*
Olha a evolução da história
Abram alas pra Gegê desfilar
Na memória popular. (Costa, 2005: 94)

Além desse argumento, é possível notar que as relações simbólicas, argumentos também baseados na estrutura do real, são muito fortes nesse discurso, pois há um grande apelo ao sentimento de patriotismo e de autoafirmação de um povo que assume a condição de cidadão de um país reconstruído. O trecho que retoma a letra do Hino Nacional mostra visivelmente as ligações simbólicas de amor à pátria, mas ainda é possível vê-las nos versos abaixo, que compõem a primeira estrofe:

A nós ele *entregou seu coração*
Que não largaremos mais
Não, pois nossos corações hão de ser nossos
A terra, o nosso sangue, os nossos poços
O petróleo é nosso, os nossos carnavais. (Costa, 2005: 94)

Retomando o processo argumentativo desta canção, vemos que os argumentos baseados na estrutura do real, nas ligações de coexistência ato-pessoa, constituem a técnica principal, empregada com o intuito de defender uma imagem positiva do presidente Getúlio Vargas. Para fortalecer sua argumentação, o orador faz uso também das ligações de sucessão, de causa/efeito, que confirmam a grandeza das ações do presidente e voltam a ele também em forma de benefícios; e ainda as ligações simbólicas, por tratar-se de um discurso relativo às questões da pátria. Portanto, são os argumentos baseados na estrutura do real que constituem a técnica argumentativa central em “Dr. Getúlio” e também como técnica de apoio.

3.3 TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS EM DISCURSO JURÍDICO: AÇÃO PENAL CONTRA LAMPIÃO

Neste tópico, analisaremos uma ação penal intentada contra o cangaceiro Lampião⁷ e seu bando, com destaque aos recortes das alegações finais do Ministério Público, como parte de um processo criminal datado de 1927, tramitado na Comarca de Pau dos Ferros/RN. O gênero ação penal se define como uma peça jurídica que tem como objetivo o julgamento de crimes cometidos por pessoas físicas ou jurídicas. As ações penais circulam, em especial, nos âmbitos dos fóruns de justiça e têm, como auditório particular, promotor, juiz, advogado, réu, testemunhas, depoentes e outras possíveis partes interessadas.

No texto da ação penal contra Lampião, o orador/promotor constrói sua argumentação em acusação contra o cangaceiro e seu bando, utilizando-se de diferentes argumentos; e defende a tese de que Lampião e seu bando foram os responsáveis pelos crimes cometidos contra a população do município de Marcelino Vieira/RN, naquela época conhecido como Distrito de Vitória, município de Pau dos Ferros/RN.

Para a defesa da tese, o orador/promotor parte do pressuposto de que: “dos presentes autos, vê-se resultar (grave) evidentemente a responsabilidade dos denunciados Virgolino Ferreira (vulgo Lampião) e outros, que faziam parte do seu

⁷ Figura histórica, líder do cangaço brasileiro que atuou em quase todo o Nordeste brasileiro como bandido e herói.

bando sinistro” (Sá, 2012: 64). Para fortalecer sua argumentação, o orador fez uso de diferentes técnicas argumentativas para convencimento do auditório. A técnica central, revelada no discurso em questão, é a técnica argumentativa de ligação baseada na estrutura do real.

[...] opino pela pronúncia dos mesmos *em virtude dos depoimentos testemunhaes* afirmarem que eles, quando passaram por este município, cometeram as depredações, roubos e toda sorte de abusos. (Sá, 2012: 64).

Utilizando-se de uma argumentação baseada na estrutura do real, ao invocar as testemunhas como elemento chave e decisivo para a acusação, o orador utiliza-se dos depoimentos das testemunhas como argumento de autoridade. É importante frisar que as palavras das testemunhas, no gênero discursivo ação penal, são de grande relevância na apuração dos fatos e na busca pela decisão mais justa sobre o caso, pelo fato de esses colaboradores, coercitivamente, terem que falar a verdade em juízo, sob pena de responder pelo crime de falso testemunho. Baseado nisso, o orador sustenta a tese de que Lampião e seu bando devem ser responsabilizados pelos crimes cometidos em Vitória/RN.

Para apoiar o argumento central, o orador valeu-se da técnica argumentativa quase lógica, pelo argumento de transitividade, como podemos observar: “Em quase todos os Estados do Nordeste Lampeão⁸ está pronunciado, restava no Rio Grande do Norte”, nas alegações finais de acusação. (Sá, 2012, 71).

Ao analisarmos o trecho acima, percebemos que o orador relacionou a atitude que a justiça do Rio Grande do Norte deveria tomar em relação aos fatos ocorridos nesse estado, com a ação de pronúncia, em outros estados do Nordeste, sobre os atos cometidos por Lampião e seu bando, naqueles estados. Nessa parte da ação penal, o orador se utiliza de uma argumentação que fundamenta a estrutura do real, pelo argumento do raciocínio pela analogia: se as ações que Lampião cometeu em outros estados, como, por exemplo, Alagoas, Sergipe e Pernambuco, foram as mesmas cometidas no Estado do Rio Grande do Norte (roubos, mortes e outras atrocidades), a atitude da justiça do Rio Grande do Norte deveria ser a mesma tomada naqueles, qual seja: pronunciar os acusados.

⁸ A grafia de Lampeão, com “e”, nessa citação, está na forma em que se encontra na Ação Penal, no processo criminal contra o cangaceiro Lampião.

Como técnica argumentativa de apoio, no discurso, observamos a presença da argumentação quase lógica, *a fortiori*.

Lampeão, como é notoriamente, sabido, *tem sido e continua*, sendo o *terror dos sertões nordestinos*, tem sido um verdadeiro [...], *um fiel da infâmia, da desgraça e da infelicidade, sorrateiro* [...] das famílias sertanejas do nordeste! (Sá, 2012: 69).

Como podemos perceber, no trecho selecionado, o orador relaciona as ações de Lampião ao seu contexto social, numa interação ato-pessoa. Lampião é a pessoa que pratica atos que trazem terror, desgraça e infelicidade às famílias do Nordeste. O orador, nesse processo argumentativo, levou em consideração os valores hierarquizados pela sociedade sobre Lampião e os seus comparsas, que revelam atos e efeitos negativos protagonizados pelos cangaceiros, em relações simbólicas entre Lampião, cangaço e desgraça. Nessa mesma orientação argumentativa, o orador também defende a tese de que os cangaceiros foram os responsáveis pelos crimes cometidos no distrito em questão, devendo, portanto, serem pronunciados.

3.4 TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS EM DISCURSO ACADÊMICO: RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Analisamos, neste tópico, trechos de um relatório de estágio produzido por um aluno do curso de Letras. O gênero relatório de estágio é um trabalho avaliativo desenvolvido junto a um componente curricular do curso de graduação, que tem a missão de descrever e analisar as fases de estágio supervisionado desenvolvido em atividades práticas. Apresenta como auditório particular os professores de estágio, colegas da turma e possíveis leitores interessados na temática. No relatório em análise, o orador defende a tese de que a proposta apresentada e desenvolvida por ele no ensino de língua portuguesa tem fundamentação teórica e traz mais benefícios aos alunos do que a proposta trabalhada pelo professor regente em sala de aula.

No processo argumentativo do relatório de estágio em análise, o autor/orador, ao explicitar o objetivo e a justificativa do trabalho, revela que, mais do que descrever uma experiência, pretende refletir, à luz de pressupostos teóricos, sobre a experiência vivenciada no estágio, no intuito de contribuir com o ensino de língua materna. Nesse discurso, a técnica de argumentação baseada na estrutura do real se apresenta como a principal, com destaque para a interação ato-pessoa. A pessoa do estagiário está ligada a seus atos, intenções:

Procuramos não apenas descrever as observações e as práticas realizadas na sala de aula, mas também refletir sobre essas abordagens à luz de alguns pressupostos teóricos.

Dessa forma, pretendemos, através das abordagens que aqui serão feitas, trazer algumas reflexões para que o ensino de língua materna consiga proporcionar ao aluno a capacidade de adquirir novos conhecimentos e de exercer/vivenciar seu papel de cidadão [...]. (Alves, 2011: 75).

Vimos que, no discurso, o autor/orador se utiliza de uma argumentação que se baseia na estrutura do real pela relação de sucessão, causa/efeito, que, devido à forma como produziu o relatório, não somente descrevendo, mas fazendo reflexões pertinentes, traz contribuições teórico-metodológicas para o professor e poderá, como consequência, permitir que “o ensino de língua materna consiga proporcionar ao aluno a capacidade de adquirir novos conhecimentos e de exercer/vivenciar seu papel de cidadão”.

Ao esclarecer como realizou a prática, partindo do argumento central que valoriza a construção da pessoa vinculada a seus atos, o orador contribui para a construção de uma imagem ato-pessoa coerente em relação à articulação teoria e prática e ancora a prática no argumento de autoridade.

[...] Silva e Angelim (2006, p. 74), em suas abordagens sobre o trabalho com a carta na sala de aula, afirmam que esse gênero, “embora conserve algumas características estruturais comuns, tais como remetente, núcleo da carta e destinatário, pode ser subcategorizado de acordo com o suporte, grau de formalidade e funções comunicativas”. Assim, procuramos levar os alunos a compreenderem principalmente a funcionalidade da carta mediante seus diferentes tipos. (Alves, 2011: 78).

Em seu discurso, o autor/orador se utiliza da definição de gêneros textuais como argumento quase lógico e o faz com base em teóricos da área, para legitimar essas definições e sua prática, reforçando, ainda, a ideia de que trabalha em conformidade com os pressupostos teóricos da área, funcionando aqueles como argumentos de autoridade.

Como técnica argumentativa de apoio, também aparece a dissociação das noções, por meio da qual o autor/orador estabelece uma relação entre os pares teoria/prática, re-hierarquizando o valor desse par, em que o ato de ensinar composto da teoria/prática é superior ao ato de ensinar envolvendo somente a teoria.

Nas Considerações Finais do relatório, o autor/orador retoma ainda uma argumentação baseada na estrutura do real, com destaque para a interação ato-

pessoa, com ações que podem fazer diferença no ensino de Língua Portuguesa, como “suprir alguns fatores preocupantes” e “fizemos a diferença enquanto estagiários”:

Buscamos, sobretudo, suprir alguns fatores preocupantes observados na fase de diagnóstico, trazendo à tona uma postura metodológica que contemplasse as três facetas indispensáveis ao ensino de língua materna: leitura, produção de texto e análise linguística, dentro de seus entrecruzamentos.

Portanto, na certeza que fizemos a diferença enquanto estagiários, estou realizado e feliz mediante a profissão que pretendo exercer. (Alves, 2011: 88).

Podemos apontar que a construção do processo argumentativo desenvolvido no relatório analisado se dá por meio de diversos argumentos da técnica baseada na estrutura do real, no par ato-pessoa, como técnica central; e como técnicas argumentativas de apoio, na argumentação quase lógica, por dissociação de noções e na baseada na estrutura do real.

CONCLUSÃO

Esse estudo sobre o uso das técnicas argumentativas em textos de diferentes gêneros do discurso e esferas da comunicação nos permitiu aprofundar as reflexões teóricas e metodológicas sobre os processos argumentativos, assim como vem reforçar o princípio de que a argumentação é elemento constitutivo da linguagem humana.

Em resposta ao objetivo principal desse artigo, isto é, compreender como se dão os usos das técnicas argumentativas em discursos de variados gêneros e esferas da comunicação, constatamos o uso das técnicas por todos os oradores/autores e verificamos que há especificidades que caracterizam os processos argumentativos nesses gêneros, sobre o que fizemos algumas reflexões.

(i) A argumentação se apresenta em todos os textos analisados, em articulação e interdependência de estilo, de tema e de organização estrutural, relacionados à esfera da comunicação e aos propósitos comunicativos de cada um dos gêneros:

(a) No gênero artigo de opinião, da esfera do discurso jornalístico, cujo título é “Globalização, qual?”, o público alvo a que o orador se destina é representado por um auditório universal (leitores do jornal a Folha de São Paulo). Nesse artigo de opinião, a técnica de argumentação por dissociação de noções se revelou produtiva ao orador/articulista, pois lhe permitiu, por meio dessa técnica, dissociar a noção de

globalização econômica de uma globalização solidária, fazendo a sua argumentação com a defesa de que é preciso saber de qual globalização estamos falando.

(b) No gênero canção, da esfera do discurso lítero-musical, especificamente na canção “Dr. Getúlio”, o compositor/orador Chico Buarque de Hollanda dirige-se a um auditório constituído, sobretudo, por cidadãos politizados “de esquerda”, professores e intelectuais em geral no Brasil e no exterior. Por isso se apresenta também como um auditório universal, embora com variações em que parte dele se revela como auditório particular, já propriamente admirador do cantor/compositor. Em “Dr. Getúlio”, o orador defende a tese de que o ex-presidente Getúlio Vargas foi um dos maiores líderes da República Federativa do Brasil. Para isso, utiliza a técnica argumentativa baseada na estrutura do real, especialmente nas ligações de coexistência, na interação ato-pessoa.

(c) No gênero ação penal, da esfera do discurso jurídico, em processo criminal contra o cangaceiro Lampião e seu bando, sendo seu auditório constituído por juiz, promotor, advogado, réus, testemunhas, depoentes, entre outros, o promotor/orador desenvolve sua argumentação tendo, como técnica argumentativa central, a argumentação baseada na estrutura do real, para defender a tese de que Lampião e seu bando são os cangaceiros responsáveis pelos crimes cometidos no distrito de Vitória do município de Pau dos Ferros/RN.

(d) No gênero relatório de estágio supervisionado, da esfera do discurso acadêmico, cujo público a quem se destina é composto por auditório particular, constituído pelos professores supervisores de estágio, pelos supervisores acadêmicos e colegas de turma, o estagiário/orador se utiliza, sobretudo, de uma argumentação baseada na estrutura do real, recorrendo às ligações de sucessão com os argumentos de causa e consequência, fins e meios e às ligações de coexistência por meio do ato-pessoa e pelo argumento de autoridade, para defender a tese de que a proposta de ensino de língua portuguesa desenvolvida, durante o estágio, traz mais benefícios aos estudantes e usuários da língua do que a observada nas escolas, pois a proposta por ele apresentada tem o respaldo de autoridades no assunto.

Em síntese, nos discursos analisados, constatamos que a escolha da técnica argumentativa utilizada apresenta uma vinculação direta com o gênero e também com o auditório e com a tese defendida, sendo a técnica argumentativa por dissociação de noções a mais recorrente no texto representativo do artigo de opinião, e a técnica argumentativa baseada na estrutura do real, nos outros três textos,

vinculados aos gêneros canção, ação penal e relatório de estágio supervisionado. No entanto, todas as quatro técnicas argumentativas, associando ou dissociando noções, se revelaram produtivas nos textos analisados.

(ii) A análise e as reflexões sobre o uso das técnicas argumentativas empreendidas nesse artigo possibilitam ao usuário, ao pesquisador e também ao professor de línguas, compreender como se efetiva a argumentação: como as técnicas argumentativas são ou podem ser usadas pelo orador/produtor de texto/discurso, como podem ser analisadas e interpretadas pelo pesquisador e até como formalmente podem ser ensinadas/aperfeiçoadas pelo professor, considerando a orientação teórica e a vinculação dos textos a diferentes gêneros do discurso e esferas da comunicação. Essas reflexões possibilitarão, ainda, a todos eles, possíveis interessados no assunto, também compreender melhor o funcionamento argumentativo do discurso como constitutivo da linguagem humana.

(iii) O desenvolvimento de pesquisas com o referencial da Nova Retórica se revela adequado à análise da argumentação no discurso, em diferentes gêneros, assim como as categorias teórico-analíticas, como técnicas argumentativas, tese, argumentos e auditório, se revelam produtivas e eficientes para análise e interpretação dos discursos e, por que não dizer, do mundo que se faz realidade nos discursos e em todas as práticas simbólicas. Sob o olhar da Nova Retórica, observamos que a argumentação está na constituição da linguagem humana, em todo discurso produzido, e que, por isso mesmo, em todo discurso é possível serem identificadas a tese, as técnicas argumentativas, centrais e de apoio, utilizadas, bem como os demais elementos do processo argumentativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, M. L. *O ethos de estudantes de letras em relatórios de estágio de diferentes IES brasileiras*. Pau dos Ferros, 2011. 233p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
2. BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

3. BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7 ed. Tradução de M. LAHUD; Y. F. VIEIRA. São Paulo: HUCITEC, 1995.
4. COSTA, R. L. *Os sentidos da canção: uma análise do discurso na obra de Chico Buarque de Hollanda*. Pau dos Ferros, 2005. 104p. Monografia de Especialização. (Especialização em Linguística Aplicada). Departamento de Letras. *Campus Avançado* “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
5. IDE, P. *A arte de pensar*. 2 ed. Tradução de P. NEVES. São Paulo: Martins Fontes, 2000;
6. PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução M. E. GALVÃO. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
7. REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de I. C. BENEDETTI. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
8. SÁ, D. M. C. de. *A argumentação e os efeitos de sentido nos discursos jurídicos: os diálogos do direito nos caminhos do cangaço*. Pau dos Ferros, 2012. 160p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). *Campus Avançado* “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
9. SOUZA, G. S. de. *O nordeste na mídia: um (des)encontro de sentidos*. Araraquara, 2003. 403p. Tese (Doutoramento em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”.
10. SOUZA, G. S. de. A argumentatividade na linguagem: uma análise do texto jornalístico no livro didático. In: GREGOLIN, M. do R. V. et all (orgs.). *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara/SP: Laboratório Editorial da UNESP, 2001.
11. SOUZA, G. S. de. Argumentação no discurso: questões conceituais. In: FREITAS, Alessandra Cardozo de; RODRIGUES, Lílian de Oliveira; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa (Orgs.). *Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens*. Pau dos Ferros: Queima Bucha, 2008.
12. SOUZA, G. S. de; COSTA, R. L. da. O professor de Letras e o seu discurso: a constituição do *ethos* de professores do ensino superior. In. *Revista Letra Magna*. Ano 05. n.10. 2009.

13. SOUZA, G. S. de; BESSA, J. C. R. A produção textual no ensino superior: análise de processos argumentativos em justificativas de monografias de graduação. In. *Revista Veredas* (UFJF). Vol. 2, n. 15, 2011.
14. SOUZA, G. S. de; COSTA, R. L.; BARBOSA JUNIOR, F. F. A argumentação em discursos sobre o ensino superior na UERN: sentidos que constituem o Campus de Pau dos Ferros. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 02, p. 63-75, 2012.

ABSTRACT: This paper presents a theoretical and methodological proposal for the study of argumentation in discourse, specifically the use of argumentative techniques in discourses of different genres and spheres of human communication. The corpus consists of sampling of four kinds of speech texts, being: the journalistic sphere, opinion article; the literary-musical sphere, the song; the legal sphere, the criminal case; and the academic sphere, the probation report. The theoretical framework results from the New Rhetoric and Argumentation Theory (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2002) and other scholars in the field (Ide, 2000 Reboul, 1998 Souza, 2003). In addition to these, we also derives from Bakhtin studies on speech genres (Bakhtin, 1995, 2003). The results indicate that the analyzed speeches, the choice of argumentative technique has is linked to gender and also the audience and defended thesis, and the argumentative technique of notion dissociation are the most recurrent in the representative text of the opinion article, and technical argument based on the actual structure on the other three representative texts of genres, song, prosecution and supervised probation report. We understand, therefore, that the study of argumentative techniques apply to all genres of speech, regardless of the communication sphere, and that the proposed analysis developed can contribute to vertical integration and theoretical-practical articulation of the studies based on the New Rhetoric in different argumentative processes.

Keywords: New Rhetoric; argumentative techniques; speech genres.